

Boa noite a todos e todas. Eu agradeço muito o convite para estar aqui neste lugar tão simpático, como disse a minha colega anteriormente. Quero agradecer o convite do professor e colega José Alves para participar desse módulo. Agradecer a presença de vocês todos e dizer que nós mulheres ficamos muito contentes de poder falar dos temas femininos e é isso que o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, publicado em 1857 incita a fazer, pelo menos na minha perspectiva.

Eu gostaria de começar trazendo uma historinha pra vocês que eu achei muito interessante e surpreendente porque eu descobri que o escritor peruano Vargas Llosa em 1957 foi estudar em Paris. Ele era um jovem, foi estudar em Paris e depois de se instalar no hotel ele foi passear no Quartier Latin a procura de um romance. E o romance que ele escolheu para ficar lendo lá no seu hotel foi *Madame Bovary*, do Flaubert. Claro que ele já conhecia, já tinha alguma referência. Ele já tinha visto um filme, mas nada que o estimulasse a comprar o livro e a ler. Então ele se decidiu a ler e ele conta que ele começou e não conseguiu parar de ler, tamanho o entusiasmo que a obra provocou e que ele saiu com duas certezas dessa leitura. A primeira que ele entendeu que tipo de escritor ele queria ser na vida. E a segunda que ele entendeu que nunca mais ele ia se esquecer dessa mulher, por quem ele tinha se apaixonado perdidamente: A Emma Bovary. O interessante, na minha opinião, é que vinte anos depois, em 1979, ele publica um livro que se chama: “A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary”. Ele publica esse livro para explicar porque ele se apaixonou pela Madame Bovary, o que provocou essa ligação tão forte. Ele conta muito, é um livro que ele mesmo diz: Acho que vou falar mais de mim do que da Madame Bovary, do romance. É um livro grande. Ele é um crítico literário, vinte anos depois ele já é um escritor famoso e ele escreve analisando, ele analisa o romance. Mas o que me interessou foi a explicação que ele vai dando e ele vai contando essas histórias que eu estou trazendo para vocês.

### 3”01

São várias coisas que fazem com que ele se apaixone por ela, mas aquele que ele destaca mais fortemente é a questão da rebeldia, do inconformismo, dessa insatisfação existencial que Madame Bovary sente e que a leva a querer alternativas de vida, que a leva a buscar saídas, fazer da sua vida algo que faça sentido para ela mesmo, uma vida que valha a pena ser vivida, uma vida interessante, uma vida com aventuras, com sonhos e com a realização dos sonhos, das suas utopias, enfim ele fala muito sobre isso. Eu separei um trechinho que achei bastante interessante que ele reforça essa ideia que eu estou trazendo para vocês. Ele diz assim: “Emma representa e defende de modo exemplar o lado humano brutalmente negado por quase todas as religiões, filosofias e ideologias, apresentadas por elas como motivo de vergonha para a espécie. Com o correr do tempo, setores cada vez mais amplos, agora até a Igreja, chegaram a admitir que o homem tinha direito a comer, a pensar, a expressar suas ideias livremente, direito à saúde, à uma velhice segura, contudo, como nos tempos de Emma Bovary se mantém os mesmos tabus que universalmente negam aos homens o direito ao prazer, à realização de seus desejos. A história de Emma é uma rebelião cega, tenaz, desesperada, contra a violência social que sufoca esse direito”.

É bem verdade que Vargas Llosa escreveu nos anos 70. De lá pra cá muitas coisas mudaram, mas de certo modo, eu penso que as questões que são colocadas permanecem. Com diferenças, nós vamos falar sobre isso, mas de que se trata afinal? Qual o enredo desse romance para quem não leu ou pra quem já esqueceu e quer se atualizar?

O Flaubert conta a história de uma moça interiorana, do campo, ela vive na Normandia, e aos 13 anos ela é encaminhada para um convento onde ela conta com uma certa complacência das freiras, que permitem que ela leia. E cada vez mais ela se torna uma leitora compulsiva. Emma lê. Ela gosta de ler romances, folhetos, revistas, Balzac, Voltaire, Eugene Sue. Ela lê e adora ler.

Ela continua lendo a vida inteira. Mais pra frente, ela se casa com um médico da região, o Charles Bovary, que é um viúvo de um casamento meio sem graça, frustrado e o desenrolar da vida de Emma, que tem toda a ilusão de que vai encontrar no casamento uma vida agitada, muitas novidades, experiências novas, aventuras. A trajetória dela é uma sucessão de desencontros, de decepções e frustrações. Logo após o casamento ela se dá conta que: “ele não é bem o homem da minha vida”. Ela se dá conta que o casamento é um pouco entediante, que a vida é monótona, repetitiva, não acontece nada de novo. Não é bem como ela tinha lido nos seus personagens, romances. É uma realidade tosca, pouco lapidada. E Emma vai ficando muito desgostosa.

## **6”55**

Ela engravida e imagina que vai ter um filho, até pensa que vai ser o Georges, mas nasce uma menina e ela fica mais desgostosa ainda. E além do mais acha a menina feia. Infeliz com a maternidade, com o casamento, ela está infeliz. A vida não acontece, não rola nada. Mas ela sempre com a leitura. A leitura é a grande salvação da vida dela. Ela está sempre conseguindo sair pela imaginação e viajar com os seus livros. Mas ela também vai buscar saídas concretas, mais materiais. No caso o adultério. Emma se apaixona, ela tem dois amantes ao longo da história. O primeiro é um homem sedutor, estilo Don Juan, que na verdade não está muito preocupado com ela, tem uma lista de mulheres e fala: “Essa vai durar mais um tempo, mas tudo bem”, pra ele preenche temporariamente. E logo ela também se dá conta que aquele romance cai numa monotonia, num tédio, fica um pouco parecido com o casamento. Então ela fica bastante frustrada, bastante decepcionada e num outro momento ela se apaixona por um outro rapaz, um rapaz mais jovem, o Leon, que era um estudante de direito quando ela conheceu, depois ele se torna um advogado e aí ela é a mais velha. Nessa relação é diferente, ela é uma mulher mais experiente, mais velha e ela é quem conduz a relação. O Bordelle vai dizer que a Emma Bovary é um homem, porque ela é muito ativa nesse sentido que ela conduz as relações, ela manda no marido, ela organiza a casa. Não no caso do primeiro amante, mas com o segundo amante com certamente ela conduz.

Mas a relação também é frustrante. Conforme ela está fascinada com suas experiências sexuais, com as suas viagens, com seus encontros ela também entra numa atitude de consumir muito. Ela começa a comprar muito roupa, ela começa a decorar a casa e nessas ela gasta a fortuna da família e leva a família à falência. Acaba com o dinheiro dos Bovary.

Desesperada, cada vez mais aflita, frustrada com os amores, frustrada com o casamento, frustrada com o adultério, frustrada com a maternidade, ela vai tentar o apoio deles e não consegue e aí ela se vê completamente sozinha, sem saída, desamparada e ela se suicida. O romance termina com o suicídio de Emma. Uns anos depois morre o Charles Bovary e a filha que se torna órfã fica pobre, obviamente, porque a fortuna foi dissipada, e vai trabalhar numa fábrica de algodão e assim termina o romance.

## **10”06**

O romance fez muito sucesso, não só, mas também, porque o Flaubert foi levado à julgamento. Era 1857 que ele foi publicado em livro. Ele tinha começado a publicar na Revista Revue de Paris e ele é levado a julgamento por atentado à moral, porque afinal o livro é bastante erótico também. Ele tem cenas de erotismo, delicadas obviamente, mas sugerem os seus encontros sexuais com os amantes e há todo um clima amoroso no livro. E ele foi levado a julgamento por conta disso, por atentado ao pudor, aos bons costumes e ao clero e absolvido. O livro provocando esse escândalo fez muito sucesso, mas o sucesso continuou como mostra o Vargas Llosa e foi filmado em cinco ocasiões. Tem o filme do Jean Renoir, Vicente Minnelli. Acho que o mais conhecido é filme do Claude Chabrol, em que a Emma Bovary é interpretada pela Isabelle Huppert, maravilhoso. E o último filme que é feito é de 2014 pela Sophie Barthes.

Para vocês verem como a coisa continua. E foi também um seriado de televisão. Então o livro teve muitos desdobramentos, seja como filme, seja como seriado de televisão.

Eu queria trazer duas questões para os limites da nossa conversa, porque eu acho que certamente haveria outras questões para serem trazidas e conversadas, que podem ser bastante interessantes para pensar por que o romance de Emma Bovary continua a ser lido. De pensar um pouco que questões ele traz e como essas questões reverberam em nosso presente e ressoa em nossos questionamentos. Eu escolhi duas questões para a gente conversar. Um é a questão da tirania da intimidade, que é o título que eu dei. E o outro é a questão feminina, a questão de gênero. Então é sobre esses dois tópicos que eu queria conversar.

Em relação então a questão da tirania da intimidade. Eu tirei essa expressão de um livro de um sociólogo que eu admiro muito, um sociólogo americano chamado Richard Sennett, que está vivo, é professor nos Estados Unidos. Ele tem um belíssimo livro que foi publicado no Brasil, eu acho que em 1989 pela Cia das Letras, imperdível, que se chama: “O Declínio do Homem Público”. E nesse livro ele fala como o privado vai se sobrepor ao público e a intimidade vai se sobrepor ao público. A tese dele é que no nosso mundo, o sentimento de pertencer a esfera pública desmoronou de uma certa maneira. E o homem público é muito mais um homem do privado e vai ao público como homem do privado. As pessoas procuram a esfera pública para ficarem sozinhas. Por exemplo: Elas vão a um jardim, a um parque para caminhar, para andar, de preferência que ninguém se aproxime. Para poder ter um tempo consigo mesmo correndo, fazendo exercícios. Ou então as pessoas vão conversar e falam de si. Eu eu eu eu eu eu. Ou então elas pegam o celular e eu eu eu, os famosos selfies. O livro é anterior a onda do selfies, acho que as coisas radicalizaram um pouco mais nessa direção. Ele entende que isso é uma destruição da esfera pública na medida em que não há distância do indivíduo, a sua privacidade e o mundo público capaz de fazer com que a gente converse temas que não são “a minha tia caiu”, “a minha vó morreu” ou “eu estou deprimida porque...”. Que a gente dê uma distância e possa discutir questões que são de interesse geral.

## 15”

Ele acha que o nosso mundo perdeu isso. O livro tem uma explicação enorme, estou só passado por cima, mas o último capítulo do livro se chama “Tirania da Intimidade”. E como exemplo de um tipo de tirania, que é essa que nós estamos tratando, ele cita Madame Bovary. Tem um trecho também que eu selecionei dele. Ele diz assim: “Uma imagem da tirania da intimidade é a vida limitada pelos filhos, pelas hipotecas da casa, pelas rugas com a esposa, corrida ao veterinário, ao dentista, levantar a mesma hora, pegar o trem para trabalhar, regressar à casa, beber cuidadosamente dois martinis, fumar oito cigarros, que são a cota do dia, atenção das contas a pagar. Todo um catálogo da rotina doméstica que logo produz uma imagem da tirania da intimidade. É a claustrofobia”. Então ele fala isso, ele cita outra imagem da tirania da intimidade, que é o Estado Policial, a vigilância, mas deixemos de lado.

É óbvio de falar disso, pra mim me remete a Chico Buarque de Holanda com uma música que se chama Cotidiano, “todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorrindo um sorriso pontual, e me beija com a boca de hortelã”. É interessante porque a Emma Bovary também está falando isso, né?

Ela diz assim sobre o Charles Bovary: “Não sabia nadar, nem esgrimir, nem atirar com uma pistola e não pode um dia explicar certo termo de equitação que ela encontrara num romance. Um homem não devia, pelo contrário, primar em múltiplas atividades? Saber diferenciar uma mulher nas energias da paixão, nos requintes da vida, em todos os mistérios? Mas aquele não ensinava nada, não sabia nada, não desejava nada”. E ela se refere também ao beijo. Interessante que os dois falam do beijo. “Os arroubos dele tinham se tornado padronizados. Ele a beijava apenas em certas horas”. E a Madame Bovary vai ficando muito insatisfeita. Obviamente que eu não quero dizer que naquela época eram as mulheres que reclamavam dos homens e hoje são os homens que reclamam das suas mulheres. Não é bem isso que eu

quero dizer. E para não fazer nenhum equívoco eu trouxe também uma mulher hoje reclamando do vazio, desse vazio existencial.

Eu trouxe rapidamente a poeta feminista Alice Ruiz, que tem uma bela poesia que é musicada pelo Arnaldo Antunes e cantada pela Cássia Eler que se chama "Socorro". Eu só vou ler um trecho que talvez vocês conheçam que ela diz: "Socorro, não estou sentindo nada, nem medo, nem calor, nem fogo. Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir". E ela vai na poesia dizendo: "Por favor será que alguém tem um sentimento para me emprestar, qualquer um serve, eu não estou sentindo nada". O que eu acho que de uma certa maneira traduz esse sentimento de depressão, que nós conhecemos tão bem na nossa época, que os psiquiatras consideram um mal-estar contemporâneo, né? E que naquela época se chama melancolia e histeria. Mas vamos ficar com a melancolia, porque não é apenas a Emma que tem insatisfação com o cotidiano monótono, a vida repetitiva, parada. Os homens também. Por exemplo: O rapaz que ela é amante, o segundo, o Leon. Ele também não está suportando aquela vidinha no interior, mas ele vai embora, ele vai para Paris. Ele vai estudar em Paris e escapa. E ela não, ela tem que continuar. Então a insatisfação não é só dela.

## 18"55

Eu penso que nós estamos vivendo um momento em que um tipo de sociedade está se constituindo. A burguesia vitoriosa, desde a revolução francesa, com seu estilo de vida. E um estilo de vida que é totalmente contrário, mas também se apropria, do estilo de vida da aristocracia. A burguesia vai dizer que os aristocratas são perdulários, ociosos, fúteis, eles não se preocupam com nada, são coloridos demais. Olha a roupa desses homens, usam salto alto, peruca, se pintam, que é isso? E a burguesia vai ter uma crítica muito severa à vida dos nobres, a maneira de ser e aos ideais de feminilidade, de masculinidade e de família. Então esse é um momento em que está se tornando vitorioso todo um ideal, um estilo de vida que é contido, comedido, restritivo, bastante rígido, acético. E os papéis, as identidades são muito bem definidas. Homem deve ser isso, mulher deve ser aquilo. Para o patrão é uma coisa, para o trabalhador é outra. Então há uma sociedade que cada vez mais normatiza a vida social, como nos explicou Michel Foucault, sobretudo em seu famoso livro "Vigiar e punir" e "História da sexualidade".

Foucault vai dizer que a sociedade da liberdade, que nasce com a revolução francesa, que defende a democracia, que defende a república, que defende todos somos iguais perante a lei, é aquela também que hierarquiza, esquadrinha, molda os gestos, os comportamentos, produz o espaço e segrega as classes sociais, segrega os amores lícitos e os ilícitos. A prostituição pode existir, mas naquele bairro ali. A homossexualidade pode existir, mas ali. Então é um mundo que ele vai definir como sendo da sociedade disciplinar.

Ora, esse mundo constrói identidades fixas, né? É um momento também em que a medicina vai se fortalecer. Cada vez mais a medicina moderna vai se configurar como um saber que define a verdade. A verdade é científica e vai dizer que as pessoas nascem assim. Quem nasceu com certas tendências será assim pro resto da vida porque isso faz parte da natureza humana. Essa ideia de natureza humana, que não existia em outros séculos, nasce no século XIX, assim como a noção de identidade. Sobretudo porque é o momento em que nascem as grandes cidades. Nasce Londres, Paris, que não existiam antes, as cidades eram pequenas, um outro tipo de organização urbana. E nas grandes cidades o problema das multidões leva também ao problema de enfrentar quem é quem. Quem é a pessoa que está se aproximando, ela vai me assaltar ou vai me abraçar? Como é que eu me identifico se todo mundo pode usar calça jeans. Se nós vivemos no mundo da democracia, onde todo mundo pode comprar a mesma roupa. Já que a indústria também está crescendo e produzindo, como eu vou saber quem é quem? É uma época em que, diz o Sennett, uma resposta a esse o medo do caos, da confusão, das multidões é a rigidez da construção das identidades e portanto todas essas noções que vão prevalecer, até recentemente, né? O pensamento crítico desses discursos vai nascer pra nós

ou vai vir à tona, está sendo construído. Mas ele aparece com mais clareza nos anos 60 e 70 e de lá pra cá a gente tem ouvido muitos textos, muitos autores falando na crítica da representação, da identidade, do sujeito e tudo isso, né?

### **23"31**

Esse é o momento em que esses discursos estão crescendo, que estão se fortalecendo e Emma Bovary está vivendo isso. De uma certa maneira ela está vivendo uma realidade que tenderá a se reforçar, se intensificar. De melancolia nós chegamos à depressão como grandes problemas existenciais que nos afligem. E a nossa época não deixou de ter os mesmos problemas, porém com muitas mudanças, com muitas rupturas. Eu vou falar um pouco sobre isso, mas antes eu queria dizer que esse é o primeiro tema, essa ideia da tirania da intimidade, do sentimento de claustrofobia e a busca de saídas. No caso da Emma Bovary ela vai tentar essas saídas pelo adultério, mas logo o adultério não vai se mostrar uma saída efetiva e pela leitura que lhe proporciona espaços de imaginação, evasão, de devaneio.

O segundo ponto que eu queria destacar é a questão de gênero. O primeiro é essa questão da tirania da intimidade, que de uma certa maneira afeta mulheres e homens, mas eu penso que no caso é fundamental a questão de gênero. Porque ser mulher faz muita diferença nesse contexto. Se você pegar o romance, os homens estão insatisfeitos, mas eles têm saídas.

Um pela quantidade de romances que ele tem, de mulheres, e numa boa, né? O homem não vai preso pelo adultério, uma mulher é morta pelo adultério. E nessa época e até pouco tempo atrás, nos chamados crimes da paixão os homens não eram presos porque afinal foi um atentado à sua honra. Então ele mata a mulher porque ela o traiu e é um direito dele e ponto final. Então o pessoal que fez história do adultério mostra que o adultério feminino implicou um custo muito alto para as mulheres, inclusive de morte, sem penalização do assassino porque se considerava que é um direito que ele tem de vingar o atentado à sua própria honra. Então eu penso que faz toda a diferença a questão da mulher, e é uma ótima oportunidade de falar disso, porque é nesse momento que nasce a ideologia da domesticidade.

A nobreza, a aristocracia não têm essas concepções que a burguesia tem. Ela não acha que a mulher tem que ficar 24 horas em casa cuidando de filho. Ela não tem essa ideia que as mulheres nasceram para ser mães. Ela não tem essa medicina que prova cientificamente que o corpo da mulher foi feito para a maternidade. Olha o tamanho do quadril. A mulher não tem o quadril maior que o homem? Deus fez assim porque o quadril grande permite que ela armazene, segure um bebê, um feto. E os médicos dizem: Porém, isso tem um preço. Conforme o quadril das mulheres é maior, o peso força os joelhos, os joelhos se encontram e as mulheres têm dificuldade para andar, logo elas não são aptas para a esfera pública. Além do mais, as mulheres tem o cérebro um pouco menor, elas têm os tecidos mais esponjosos, elas são mais frágeis e elas devaneiam demais, por isso a leitura é perigosa. Daí a Emma Bovary ser atacada por dois lados. Ela é atacada porque ela é uma adúltera e não se sente culpada, pelo menos é assim que Flaubert traz o romance, pelo contrário, ela fica muito feliz. Ela diz: Tenho um amante. Ela sonha que ela vai ser como as heroínas dos romances que ela está lendo. Então ela fica muito feliz com a ideia de ter amantes. E a leitura. A sogra acha um absurdo que o Charles deixe a mulher ler porque a leitura é perigosa para as mulheres, todo mundo sabe disso. E as mulheres só devem ler textos leves, coisas que não influenciem, porque as mulheres são muito influenciáveis.

### **28"10**

A história da leitura é muito interessante porque é um pouco difícil de entender nos nossos dias porque a leitura era tão... Bom a gente entende, né? Na ditadura também não podia ler o Marx, o Trotsky, o Lenin, a gente entende. Mas por que as mulheres não podiam ler? E nem escrever. Imagina uma mulher ser escritora. Então eu acho um pouco difícil para a nossa época

entender esses critérios. Mas é fácil de entender quando você se dá conta que toda medicina, porque está nascendo a ginecologia e a ginecologia vai dizer essas coisas sobre a mulher. Que a mulher nasceu para ser mãe, que a mulher que não realiza essa sua essência, que é a maternidade, é um monstro. A mulher precisa casar, ela precisa da relação sexual com um homem, sem o qual o seu organismo não passa muito bem. Ela pode ter doenças, ela pode ter distúrbios emocionais, psíquicos. Há toda uma ideologia no período que confina a mulher no lar, que diz que a lugar da mulher é a esfera da vida privada.

E é interessante que a Hannah Arendt, num belíssimo livro chamado “A condição humana”, ela diz que a esfera do privado não é exatamente a esfera de algo como o particular, mas é a esfera da privação. Ela entende o privado como privação, como inexistência, como privação da luz que o mundo público confere às pessoas. No privado você não existe. Você existe no mundo público. Então ela lê o privado nesse sentido da privação, que eu acho que ajuda mais ainda a entender essa crise existencial de uma pessoa que é a Emma Bovary, que está confinada na família, no lar e não aguenta, quer saídas, quer viver. Vale lembrar também que faz parte dessa ideologia da domesticidade a valorização do privado. Nascem as duas esferas, do público e do privado, de um outra maneira a partir da revolução francesa. E essa esfera do privado cada vez mais vai ser santificada, sacralizada, associada ao mundo da natureza, ao mundo sem conflitos, harmonioso, onde as relações são de amor, de carinho, de afeto, de amizade em oposição ao mundo da guerra, do público. No público você tem que se armar e se defender porque você não sabe quem vai... a competição é violenta.

No privado, não. Você pode ficar relaxado, porque as relações são afetuosas. E a mulher nesse privado é a rainha do lar. Nesse momento está nascendo a figura da rainha do lar, o reizinho da família e esse modelo de família que a burguesia vai defender que é a família nuclear, a família centrada sobre si mesma, mãe, pai e filhos. Empregados para fora cada vez mais, em oposição ao tipo de família que existia antes, a família extensiva, que comportava amigos, parentes, crianças adotadas, enfim, tinha um outro tipo de configuração.

E é bom lembrar que esse modelo de família nuclear ficou hegemônico até a década de 70. É muito recente... Essa semana vi na televisão um programa discutindo os modelos de família por conta da questão da união estável, de pessoas do mesmo sexo de formar família, se isso é legítimo ou não. Esse tipo de discussão. Enfim, é muito recentemente. Para historiador, quatro décadas não é nada. Portanto que há uma crítica e que a gente entende tudo isso. Compreensão que também data da emergência do movimento feminista. O movimento feminista existe desde muito tempo atrás. A minha leitura não é nem um pouco feminista, nem a Emma Bovary é feminista. Ela não gosta de mulher, ela não quer ter filha, ela maltrata a empregada. A vida dela gira em torno dos homens. E não vejo Flaubert nem um pouco como feminista. Contudo, Flaubert é um grande amigo de uma feminista na sua época, que é a George Sand, que é uma mulher que não só tem muitos amantes homens como também muitos amantes mulheres. É uma escritora famosa, que com os anos se torna socialista, participa das revoluções de 48. Então ele não está em um mundo em que as mulheres são confinadas no lar e um século depois aparecerá o feminismo. Não é bem assim que as coisas acontecem. Mesmo porque, durante a revolução francesa também tem as mulheres que são guilhotinadas porque questionam a ausência de espaço para as mulheres na esfera pública, como a Olympe de Gouges.

### **33''40**

De qualquer maneira, com a explosão feminista da década de 1970, o feminismo invadiu todas as áreas. E uma das áreas foi a ciência, a academia. E os estudos históricos se ampliaram enormemente trazendo história do casamento, da maternidade, da ginecologia, do discurso médico sobre o corpo das mulheres, a história das artistas mulheres, das escritoras que não constam nos nossos livros de história da literatura. Nessa direção, para quem estiver interessado, eu indico o livro da antropóloga, historiadora feminista Norma Telles, que foi

professora da PUC de São Paulo por muitos anos e que se chama “Encantações - Imaginação literária do século XIX” e traz essas histórias dessas mulheres escritoras como a Julia Lopes de Almeida, que é a mais conhecida, mas que não constam nos livros de literatura.

Hoje nós podemos ler essas histórias com outros olhos exatamente porque o feminismo nos dotou de um passado. Até 1970 as mulheres não tinham passado. Quando se falava de mulheres alguém falava da Cleópatra, da Joana D'Arc, da Princesa Isabel. Tinham quatro escritoras brasileiras: Clarice Lispector, Raquel de Queiróz, Cecília Meireles e mais alguma. Lígia Fagundes Telles, famosa, e tantas outras. Carmem Dolores, Maria Firmino dos Reis, tem uma gama enorme que eu não vou ficar citando, mas só para vocês saberem que hoje nós sabemos disso, nós temos essas informações. Então a área de estudos feministas, a área de estudo das mulheres, a área de estudos de gênero cresceu imensamente e portanto nos dotou de passado, o que é fundamental para a construção da identidade, e para a própria questão da cidadania, obviamente.

É muito interessante a gente pensar nessa história da ideologia da domesticidade para entender a Madame Bovary. No romance há um momento, porque um dos personagens do romance é um farmacêutico. O Flaubert é um crítico da sociedade burguesa, como vocês estão percebendo. Ele não chega a ser um socialista, mas ele tem horror ao novo estilo de vida que ele está vendo acontecer. Há cartas, há textos dele em que ele fala: “Esses burgueses são um horror, esses burgueses não sabem nada, eles não sabem viver, eles não sabem sequer amar”. O romance traz toda essa crítica ao capitalismo, essa crítica a sociedade burguesa que está se iniciando nesse momento e à cultura de massas. Ele vai trazer a Madame Bovary como uma leitora compulsiva, mas uma leitora de literatura inferior. Ela lê qualquer coisa, ela lê folhetim, ela lê revista, ela lê romance, ela lê Balzac, ela lê Eugene Sue, ela lê Voltaire, mas ela lê muitos outros. Ela vai aparecer muito mais com uma leitora que não distingue o valor estético das obras. Além do que, como uma pessoa que confunde a realidade e o imaginário, que confunde obra e vida, que não dá uma distância para perceber que aquilo é uma obra de arte e portanto que não tem capacidade de usufruir da arte pela arte. Essa é a leitora que o Flaubert traz na Madame Bovary e que é visto como o leitor da cultura de massas. Uma cultura que é muito rápida, muito veloz, sem densidade e com a qual as pessoas se relacionam de uma maneira aleatória e de uma maneira descartável, nada fica. Você conhece um monte de gente, se informa e até logo e assim por diante.

### **38”30**

Há um momento nesse romance em que um dos personagens, um farmacêutico, que seria o personagem que o Flaubert mais detesta porque ele é o pequeno burguês da revista, aquele cara que para atingir os seus fins não importa o meio, faz qualquer coisa para chegar lá. E ele é a figura mais desprezível que aparece no romance. Esse farmacêutico mora na cidadezinha para onde a Emma e o marido vem morar também. E ele compete com o médico. Ele é farmacêutico, mas ele que sabe, ele que indica, ele que manda. Então ele é extremamente competitivo, arrogante. E há um momento no romance em que ele aconselha o Charles a aconselhar a Emma a ler o Rousseau. Ele diz: “O Rousseau tem umas ideias novas, ele defende a amamentação, o aleitamento materno, ele defende a vacina”. É muito interessante que na fala dessa figura entra o Rousseau, mas é também interessante que não entra a crítica do Rousseau, que aliás, pouca gente conhece. A gente conhece o Rousseau, mas a crítica do Rousseau a gente nunca ouve falar porque ela é uma mulher, a Mary Wollstonecraft, que certamente Flaubert conhecia porque ela se separa do primeiro marido e tem um casamento com o William Godwin, que é, digamos, meio um avô, um pai do anarquismo. E desse casamento nasce uma mulher que se chama Mary. E a Mary quando fica moça se apaixona por um poeta chamado Shelley. E ela se torna Mary Shelley, autora do Frankenstein. Imagino que Flaubert conhecesse essa história, assim como também deveria conhecer Louise Michel. Ela nasce nove anos depois do que ele, mas ela é uma mulher que desde cedo é muito ativa, uma

militante anarquista muito ativa, uma professora, moradora e que terá um papel importante na Comuna de Paris em 1871, neste período.

É um mundo em que você tem essa ideologia da domesticidade se impondo, se tornando vitoriosa, claro o capitalismo vence com todos os seus valores, as suas concepções, seu ideal de vida, seu ideal de feminilidade, seu ideal de masculinidade, a valorização da família nuclear, a sua concepção de público, mas a época também tem os contestadores, os transgressores, também tem um pensamento crítico.

Acontece que a gente tem uma formação histórica que tende a contar uma história e que não traz essa multiplicidade de vozes que estão em disputa em um determinado momento, sempre há grupos sociais, setores étnicos, grupos sexuais em disputa constante ao longo da história, mas a gente sempre fica com a versão do vencedor, que conta a sua história apagando todos os conflitos e querendo dizer que aquilo é natural e faz parte da ideologia burguesa essa naturalização do seu estilo de vida a tal ponto que para nós, até tomar conhecimento de tudo isso, de todas essas histórias e críticas, era normal uma mulher ser mãe 24 horas. Ninguém imaginava que isso era um tipo de maternidade do século XIX. Ninguém imaginava que no Século XVIII, XVII, XVI, na Grécia antiga não era assim, que havia outros ideais de maternidade. Faz muito pouco tempo que a gente descobriu que não é preciso ser a mãe 24 horas e que não é preciso ser mãe para ser mulher, que a maternidade não é obrigatória, ela é voluntária, se você quiser ter filho, se você tiver as condições, mas você não é obrigada a ser mãe.

Essa é uma descoberta muito recente da nossa sociedade, mas isso não quer dizer que as pessoas não sofressem com isso e eu acho que a Madame Bovary é um caso bastante claro de alguém que está muito desconfortável num papel que ela deve assumir, numa identidade na qual ela não se reconhece. Daí o conflito dela se achar, buscar saídas, buscar um lugar para ela mesma.

#### **43''27**

Ela não consegue e acho que nessa época nós estamos no início desse processo, dessa sociedade. As coisas ainda estão recentes. A burguesia ainda está brigando com os valores da nobreza. Mas esse estilo de vida se torna vitorioso até a década de 60. No final dos anos 60 que nós temos explosões, maio de 68, um monte de críticas e de explosões, pensamentos pós estruturalista, autores como Foucault, Derrida, Deleuze, Lyotard, Barthes, cinemas, filmes, uma multiplicidade de pensamentos críticos que vem por em cheque e historicizar isso, ou seja, desnaturalizar, mostrar que não é natural, que não existe essa necessidade que nos foi ensinada de que para existir você tem que ter esse corpo, esse papel, esse modelo. E acho que a coisa hoje é mais profunda ainda porque a crítica nos mostra o quanto isso implica de renúncia de si. Porque para eu ser o ideal que a sociedade quer de mim eu tenho que abrir mão do que eu quero, abrir mão dos meus desejos. Isso que eu acho que encanta o Vargas Llosa. Você tem que abrir mão, você tem que se condenar, porque você quer uma coisa que não pode, que não é certo querer. Existe o que é certo querer e o que não é certo querer. Agora, quem define o que é certo querer e o que não é certo querer? A Igreja, a ciência, os homens no poder, determinados homens, porque também não dá para generalizar. Então eu penso que essas questões ainda nos pegam de uma maneira muito forte, mas elas tem uma história. E elas têm uma história muito vigorosa, porque a dimensão mais difícil de brigar é a questão da verdade. E a medicina construiu um discurso que é um discurso de vida ou morte. Se você não ouvir o médico, se você não fizer o que eu tô falando você morre. Eu te diagnostiquei, você tem tal problema, tome tal remédio senão você vai morrer, é diferente da fé. Apesar que eu acho que a fé também é uma coisa muito complicada, mas o discurso científico sobre a mulher tem uma dimensão muito difícil no sentido que nos impôs um destino um pouco difícil. As mulheres não tinham direito à educação, as mulheres não podiam estudar engenharia. Quando as primeiras universidades abriram, no século XIX, as mulheres podiam fazer cursos leves e no período da manhã. Porque saber como é, a mulher precisa descansar a tarde, fica

menstruada. Isso na Inglaterra. Isso, claro, as mulheres da elite. As pobres são operárias, a vida já está perdida. As mulheres não tinham muito acesso à educação. As mulheres não tinham acesso à cidade. As mulheres não podiam circular pela cidade a qualquer hora e a qualquer momento, não podiam ir ao um restaurante sozinha, muito diferente dos homens. As mulheres não tinham acesso à política. As mulheres não podiam ser deputadas, senadoras. Mesmo hoje nós temos muito poucas reitoras. Os altos cargos, em geral, são ocupados pelos homens, e todo um discurso da medicina dizendo que era isso mesmo, isso era natural, devia ser assim. Porque olha para o corpo delas, olha para o físico, compara com o dos homens. Essa medicina que dessexualizou as mulheres, além do mais as mulheres não tinham desejo sexual, tem mais essa. Não tinha direito à cultura, à educação, à cidade, à política e ao sexo. Ao sexo estavam aquelas mulheres que há 30 anos atrás eram chamadas de mulheres públicas. As prostitutas eram chamadas de mulheres públicas. Quem tem 20 anos talvez não saiba dessa história, mas as prostitutas eram chamadas de mulheres públicas. Hoje você se espanta com isso. Quando você fala em mulher pública você vai pensar na presidenta, numa senadora, vão pensar numa mulher pública como você pensa em um homem público, é o mínimo. Há trinta anos atrás, eu me lembro muito bem, mulher pública você tinha que falar baixinho, era mulher da vida, mulher alegre, era prostituta. Essas tinham uma sexualidade exagerada. Agora as normais eram menos. Há toda uma teoria médica justificando a existência da prostituição. Essa é a minha opinião.

#### 48"55

Eu fiquei estudando a prostituição cinco anos porque eu fiz um doutorado sobre o tema, mas em história, lá atrás. E eu fiquei muito impressionada com isso. A prostituição é um espaço masculino. Não é para as mulheres, é para os homens, é um lugar para a satisfação dos homens. Então existe um bairro em toda a cidade que é destinado para o usufruto dos homens, para o prazer sexual e tem mulheres lá que os servem. Então ela não é uma necessidade feminina, é uma necessidade masculina. E quem são as culpadas pela existência da prostituição? As prostitutas. Não faz sentido você culpar as mulheres que são prostitutas pela existência da prostituição, sendo que a prostituição não é um espaço feminino, é um espaço masculino.

Claro que hoje também mudou muita coisa. A coisa já está muito mais diversificada, multifacetada, muito mais complexa. Eu queria dar essa ênfase na questão do Rousseau, como grande ideólogo da ideologia do confinamento, da domesticidade, desse confinamento da mulher na esfera do privado porque eu acho que se fala muito do Rousseau, mas pouco sobre essa dimensão. O Rousseau escreveu o "Emílio" em 1762. Um trabalho de uma feminista francesa que faz a crítica do Emílio e vai contar essa história que eu estou contando para vocês aparece em 1980 na França. Ela era mulher do ministro, Elizabeth Badinter, traduzido para o português como "O mito do amor materno". Imperdível! Porque conta a nossa história. Pelo menos do que eu conheço foi a primeira vez. Esse livro foi traduzido para o português, fez muito sucesso porque desmitificou toda essa ideia que nós tínhamos do que era maternidade. Mostrou que isso era uma leitura de maternidade do século XIX e cujo o grande ideólogo era o Rousseau, que nesse livro famosíssimo "O Emílio", traz uma mulher chamada Sofia nos últimos capítulos e ele vai dizer como deve ser formado o Emílio para ser um cidadão, para ser um homem. E ele também vai dizer como a Sofia deve ser educada. E vocês já sabem, ela deve ser educada para ser uma boa companheira para o Emílio. Ela deve saber conversar sobre os temas que lhe agrada, ela deve ser uma boa companheira. Só recentemente que nós temos essa crítica e essa discussão que traz um outro lado do Rousseau, a despeito de existir a sua crítica à Mary Wollstonecraft.

Eu queria também comentar as saídas da Madame Bovary. Uma saída é o adultério. A outra saída é a leitura. Eu queria voltar a esse ponto porque eu acho bastante importante. Emma Bovary é criticada porque lê muito. E não é só ela que lê muito. As mulheres nesse momento, é

um momento de modernização, de crescimento econômico, de urbanização e o acesso das mulheres ao ensino melhora. Surgem revistas femininas, folhetins, romances escritos em jornais em estilo folhetim para as mulheres. Enfim, as mulheres passam a ler. A grande crítica não é que as mulheres leiam porque elas têm uma imaginação fértil de mais, o que poderia ser visto como de uma maneira muito positiva como aponta a Norma Telles. Poderia ser pensado: Que bom que elas tem uma imaginação criadora, mas nesse momento a ideia de que elas passam ler e criar múltiplos sentidos para além daquele que o autor talvez esteja querendo trazer é visto de uma maneira muito negativa.

### **53"05**

Mais ainda do que isso, as mulheres não sabem ler. O problema não é que elas leiam, é como elas lêem e isso aparece muito fortemente no romance. Como Emma lê? Ela lê dissociando tudo. Ela lê como se o texto fosse uma seqüência de fragmentos dos quais ela escolhe aqueles com os quais ela se identifica e nos quais ela se espelha. Ela recorta os trechos, os momentos que confirmam a sua identidade, que confirmam aquilo que ela está sentido ou pensando. E os críticos vão dizer que dessa maneira, ela destrói a obra de arte. Porque ela faz um apropriação muito utilitária. O valor estético da obra vai para o espaço em função do valor de uso emocional. Ela se apropria da obra para satisfação do seu interesse narcísico. Então eles vão fazer a crítica de que as mulheres não sabem ler porque elas são muito utilitárias. Além delas gostarem de uma literatura inferior, sentimental, pobre e além delas nivelarem um grande autor e uma literatura pobre, inferior, elas têm um tipo de leitura que deprecia a obra de arte, que não diferencia entre o valor estético da obra, o estilo dela e o conteúdo. Elas ficam só com o conteúdo. Essa vai ser a grande crítica que o Flaubert traz também. A grande crítica da sua época de que a cultura de massas é mulher.

E esse será o leitor da cultura de massas. Um leitor que de certa maneira desfaz a obra, nessa forma de apropriação que é muito descontextualizadora, que não apreende a obra no seu valor estético, não percebe essa questão, banaliza tudo. Eu penso que isso é uma questão importante e eu trago um trequinho do Flaubert, quando ele vai falar das leituras de Emma. Que tipo de livros ela lia. O tempo todo ele está falando da leitura de Emma. Ele diz assim: "Tratavam-se só de amores, amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários, postilhões assassinados em todas as paragens de troca de animais, cavalos abatidos em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluços, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis nos bosques, cavaleiros valentes como leões e mansos como cordeiros, impossivelmente virtuosos sempre bem apresentáveis e chorando copiosamente como chafarizes".

### **56"20**

Ela tem uma imaginação muito grande e transforma estilo em conteúdo, negando a mediação da forma literária. Ela lê literalmente, ela perde as mediações. Eu não sei elaborar muito, discutir muito, mas eu acho que esse é um problema que nos afeta hoje, principalmente com o crescimento da internet e a rapidez que nós precisamos para consumir as informações e as imagens. Então eu acho que nós estamos vivendo um sério problema que pode ir para um lado, pode ir para outro, não sei, é um problema novo para nós, que é o que vai acontecer com as gerações que estão sendo formadas dessa maneira. De uma maneira em que você perde o tempo, o espaço da temporalidade, o mundo se acelerou demais. O nosso mundo é muito acelerado, nós somos muito acelerados e tudo acontece de uma maneira muito rápida, muito imediata e de uma maneira muito descartável. Consume e joga fora. Se você tem uma dúvida vai lá no Google, se informa e você não tem o tempo de reflexão, o tempo de amadurecimento dessa questão. Pior que isso. Nós não temos o tempo de elaboração da vivência em experiência.

Essa é uma questão que o Walter Benjamin colocou muito bem. É uma questão que benjaminianas como a filósofa Olgária Matos trabalha muito bem. A Eugene Marie, outra filósofa benjaminiana traz muito bem essa questão. Maria Helena Chauí traz essa questão em várias das suas questões do problema que nós estamos vivendo de uma sociedade que não dá tempo para a elaboração da experiência, para esse processo que você precisa para significar, para entender. Em inglês você diria *realize*, as vezes eu vejo as pessoas dizendo realizar, mas não é realizar, *realize* é compreender emocionalmente. Inevitavelmente, essa exigência e essa falta de trabalho sobre a subjetividade só pode produzir depressão. Porque o indivíduo se desconecta de si mesmo. Uma experiência dessa o indivíduo se desconecta de si mesmo. Que a depressão seja o grande problema do nosso século não é de se estranhar. Algo que está começando lá. No caso, Flaubert está colocando na figura da mulher, mas de uma certa maneira a cultura de massas está aí. No nosso tempo a coisa se radicalizou e se potencializou de uma maneira impressionante. E para nós está sendo um pouco difícil saber como lidar porque é irreversível.

O meu tempo está se esgotando e eu gostaria de terminar trazendo para vocês duas poesias que eu acho muito lindas e que de uma certa maneira podem responder um pouco ao que nós estamos falando. Possivelmente vocês conhecem também. O primeiro poema é do Manoel de Barros, que faleceu recentemente e tem um nome lindo que se chama “Retrato do artista quando coisa”. Peço licença para ler.

“A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. Etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar os homens usando borboletas.”

Vou ler o segundo, que é de uma mulher, a Adélia Prado, que vocês certamente conhecem, mas para quem não conhece, se chama “Com licença poética” e é uma releitura que ela faz do Carlos Drummond de Andrade, que aliás, ele gostou muito. Do poema de sete faces. Ela ficou famosa por conta dele ter gostado e trazido Adélia Prado. E ela diz assim:

“Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos. Dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.” Palmas para ela. Bonito, né? Obrigada.

1’03’’21

## PERGUNTAS

**Boa noite, Margareth. Gostaria de agradecer muitíssimo a sua colaboração e participação no ciclo o clássico e o cotidiano dessa edição do Café Filosófico. A minha pergunta é sobre o próprio tema da sua palestra: As tiranias da intimidade. Você acha que as tiranias dessa intimidade existem porque nós não podemos dialogar livremente com os nossos desejos?**

Pergunta difícil. Deixa eu pensar um pouquinho. Sim, com certeza. O problema da intimidade é exatamente a negação do desejo, a renúncia de si, que eu vim trazendo. Eu penso que não dá para dar uma resposta única. O nosso mundo é de uma complexidade muito grande, na minha opinião. E tanto você pode dizer que há muitas linhas de fuga. As pessoas já têm tecnologia, elas já aprenderam, a gente cresceu. Se você comparar as mulheres hoje, nem uma mulher é obrigada a ser mãe, a se casar ou é obrigada a ficar confinada no lar. Os caminhos se abriram. Tanto há grupos, setores, indivíduos, pessoas que vão atrás das suas questões. Eu acho que o feminismo é isso, mas só o feminismo. Estou falando pelo feminismo porque eu conheço mais

de perto e porque eu sou mulher também. Mas eu acho que o feminismo encontrou uma linguagem própria. As mulheres se emanciparam sim. Não em todos os países do mundo, mas em grande parte dos países as mulheres se emanciparam, o que não quer dizer que a violência tenha diminuído. Porque uma coisa é as mulheres se emanciparem e outra coisa é a cabeça dos homens mudar. Ainda há muitos problemas a serem resolvidos. Mas que houve uma mudança enorme na condição das mulheres e que as mulheres explodiram com essa noção da intimidade, eu acho que sim.

Ao mesmo tempo, eu acho que nós vivemos em um tipo de sociedade que nos confina de certa maneira. Nos confina, mas de um outro modo. Não é mais no lar. Ela nos confina em identidades, nos confina em papéis. Eu penso que há também um componente muito forte, eu acho muito delicada essa questão. Eu falo devagar também sobre ela, que é o peso do cristianismo na nossa formação. Nós fomos educados de uma certa maneira, a entender que há um diabo por aqui. Que o diabo te habita. E que você pode estar querendo, não que você quer, mas o diabo está falando que você deve querer. Então você deve desconfiar de você. Tem que ficar em suspensão porque você não sabe exatamente de você. Pode ser o seu inconsciente. Essa questão é terrível.

Se você pensar o mundo greco-romano, ele é pagão. Não existe a ideia de que o diabo habite em você e você deve suspeitar de você e que você não sabe de você. Quem sabe de você é o médico, o padre, o pai, o superior, o psiquiatra, mas você tem que ficar se vigiando porque sabe lá quem é você. Quem no fundo você é mesmo? Os gregos não colocam essa questão. Não tem essa de que quem no fundo você é mesmo? Porque não tem fundo, não tem noção de interioridade. A noção de interioridade nasce no século XIX. Eu penso que as situações são muito conflituosas para nós. Porque ao mesmo tempo que você vive em um mundo que se autonomizou demais, você tem muito mais liberdade que no passado, por outro lado as formas de captura dessa autonomia são muito grandes. O Deleuze vai dizer que o nosso mundo é a sociedade não mais disciplinar, como o Foucault tinha falado, mas uma sociedade de controle.

Nessa sociedade de controle o indivíduo tem que ser autônomo. Você é o empresário de si mesmo. Você tem que se administrar como uma empresa. Como diz a teoria do capital humano. Se você fica doente a culpa é sua porque você não está sabendo tomar o remédio que você tem que tomar. Tá escrito, é só ir na farmácia e comprar. Por que você não está se cuidando? Então é um mundo em que você deve ser o empresário de si mesmo, deve render, deve dar lucro, deve navegar. Você pode uma hora trabalhar no banco, depois você vira professor. Você vai ser roqueiro, aí vai tocar hip hop. Você tem que circular, ser flexível, a ideia da flexibilidade. Esse discurso de autonomia é um aprisionamento muito grande. É um aprisionamento muito grande. Você não pode cair em depressão. O outro lado do empresário de si mesmo, que é o cara do empreendedorismo, do social, do inovador, de estar cada vez criando, que tem muitas ideias. Ele não é mais aquele trabalhador corpo dócil, obediente. Não, o contrário. Ele é o cara que cria, que tem que inovar, trazer novidades e cada vez mais... Uma hiperatividade. O oposto disso é o deprimido. O deprimido é uma pessoa que não vê perspectiva, não tem projeto, não acredita que possa fazer qualquer coisa no futuro. Eu penso que nós oscilamos entre os pólos. É difícil, a questão hoje ficou muito mais complicada. Há momentos e momentos, há dimensões e dimensões. Eu penso um pouco disso. Zé, não sei se eu te respondi, mas depois a gente continua.

**1'09"23**

**Uma das pessoas que está acompanhado on line é o José Alves, que manda um beijo para você direto de Buenos Aires e ele responde a sua pergunta, que foi uma excelente associação do questionamento das autoridades sobre o eu. A Camila pergunta como a professora vê as lutas do feminismo atual pela re-significação de atitudes e expressões, como acontece por exemplo na marcha das vadias.**

Eu vejo de uma maneira muito positiva. Eu adoro as vadias, acho um máximo. Palmas para as vadias. É um movimento de jovens. Tem que ser jovem para ser vadia. Eu ser vadia não tem graça. Se o feminismo da década de 70, porque o feminismo sempre existiu a partir do século XVIII, o feminismo tinha uma carga até recentemente muito pesada. Das feministas serem pessoas muito sérias, que não passavam esmalte, que não se pintavam, que eram contra a beleza e houve mesmo uma fase assim. O início foi mais de enfrentar o rochedo. E acho que para enfrentar o rochedo você também se arma. Depois as coisas foram mudando e o feminismo percebeu que estava jogando fora a cultura feminina. Como assim? Nós não estamos lutando para virar homens. Ao contrário. Nós estamos lutando para afirmarmos a cultura feminina, para ser mulher. Mas não essa mulher que os homens disseram que nós somos, que os médicos do século XIX disseram. Nós queremos ser as mulheres que nós queremos ser, que nós queremos dizer, com as nossas interpretações. Isso é realmente fantástico. Esse feminismo mais recente, de 2000 para cá eu digo que são as filhas, elas nascem em outro contexto. Elas nascem num contexto em que a jovem não tem que ser virgem até o casamento, não é mais nada disso. Ela não é educada para ser a mãe. Embora tenha Barbie para tudo quanto é lado. Essas jovens vêm de uma maneira muito mais lúdica. O movimento feminista entra com uma dimensão lúdica, muito criativa, engraçada e brigando com questões que tocam na moral. Porque ser chamada de vadia não é pouca coisa. Vadia tem toda uma carga de associação com prostituição também.

O mundo antigamente era dividida em duas coisas. Não tinha meio. Ou a mulher é normal ou é prostituta. E vadia está no meio, tendendo para o lado de cá. Eu sou muito favorável, acho importante, lindo o que elas fazem porque elas cutucam a ferida da moral, desses preconceitos horrorosos que serviram para estigmatizar e para causar sofrimento e para justificar exclusões. Hoje quando eu penso assim: Mas meu Deus do céu. O Marx mostrou como a dominação de classe foi violenta. A dominação do capital sobre o trabalho, dos patrões sobre os seus operários. Mas pensa nessa dominação que não tem patrão e que divide a humanidade em homossexuais e heterossexuais e os que estão do lado de cá não são normais, portanto não podem ser cidadãos. Ponto. Rico, pobre. Branco, negro. Indígena, não indígena. É demais, fala sério! Como é que nós vivemos isso por décadas e décadas e realmente a coisa só veio à tona porque o movimento gay entrou de sola e começou a gritar. Do mesmo modo o movimento das prostitutas.

Independentemente de considerar se prostituição é isso ou aquilo, não é essa a questão. A questão é: Existe, está aí e as prostitutas não podem ser queimadas vivas, um jovem jogar gasolina e pôr fogo porque elas são prostitutas. Como assim? Antes de tudo, elas são pessoas, seres humanos com direito à vida tanto quanto eu e você. Pensando nisso, no que foram as lutas da década de 70, 80, que foram lutas difíceis. Gabriela Leite, que vocês devem conhecer, é uma mulher que eu admiro. Faleceu o ano passado, mas eu a admiro profundamente pela ousadia, pela coragem de enfrentar uma sociedade sozinha.

Hoje você tem movimentos sociais, anistia internacional, grupos de direitos humanos, mas até então não existia nada. A gente vinha vindo de uma ditadura e não tinha nada. A pessoa ia com a cara e a coragem. Portanto eu vejo que as vadias são muito queridas. Um grande abraço para elas.

**1'15''20**

**Primeiro eu queria agradecer por esse encantamento de assistir uma aula maravilhosa e principalmente por levantar a questão de gênero numa obra que estereotipa muito a mulher. Algumas coisas que são criticadas na mulher. E é importantíssimo discutir a questão de gênero nessa obra. Queria agradecer muito pela aula maravilhosa. A minha pergunta é a seguinte: No período romântico a gente tinha a mulher idealizada virginal, pura, cheia de amor e essa ideia foi desconstruída em obras como a do Flaubert com a mulher adúltera. Só**

**que essa mulher adúltera ela tem um final trágico, ela não tem um final feliz da mulher romântica. Eu gostaria de saber se na sua visão esse final trágico pode ser visto como uma punição e mais. Se mesmo com toda a crítica do Flaubert, isso não pode ser um resquício romântico ao tentar punir uma mulher que saiu do padrão idealizado romântico que era previsto em literaturas anteriores.**

Eu tendo a concordar totalmente com você, embora eu acho que precisaria pensar muito bem para fazer uma afirmação tão categórica. Mas para reforçar essa afirmação que você faz me veio à mente os romances sobre prostituição. Todas as prostitutas morrem ou ficam com câncer, apodrecem. A morte não é pouca coisa. Elas se degradam, se degeneram moralmente e fisicamente. A Naná, por exemplo, é um horror a maneira como ela termina. A Lucíola não morre, mas ela se regenera no campo. E sempre tem um homem salvando a mulher. Ele se casa com ela.

Outro dia uma pessoa me disse que ele conheceu uma prostituta que se casou e ela até conseguia ser uma boa mãe. Aí eu lembrei do José de Alencar. Não é à toa que o Foucault diz: “Nós, os vitorianos”. Ainda estamos no século XIX, né?

O que eu queria te contar é que quando eu fiz essa pesquisa de história da prostituição, eu encontrei por uma sorte incrível, porque certamente não haveria em arquivos públicos. Os romances dos homens sobre a prostituição você acha, os das mulheres sobre a prostituição você não acha. Vocês nem devem saber quem escreveu sobre prostituição sendo mulher. Porque mulher em épocas atrás não deviam falar desses assuntos que eram de homens, assuntos masculino. Mas a Dona Laura Vilarés, que era uma mulher da elite, casada com um engenheiro famoso lá em São Paulo escreveu dois livros. Um se chama “Vertigem” e o outro se chama “Êxtases”, que são de 1926 e 28.

Eu tive acesso a esses livros e achei interessantíssimo porque a visão que ela tem da prostituição que é totalmente diferente. Ao contrário, a personagem descobre na prostituição o prazer, ela tem orgasmo como prostituta. Ela fica rica. Ela é uma moça de uma cidade do interior que o rapaz não quer casar porque ela não tem dote. Então ela vem até São Paulo e se prostitui. E de São Paulo ela vai para Buenos Aires, que era o centro da prostituição dos anos 20 e 30. E lá ela fica rica e vai terminar em Paris.

## **1'19"09**

A cena de um desses romances é o seguinte: Ela está em Paris caminhado *Au bord de la Seine* e vem o rapaz que era o médico, que era o estudante da cidadezinha do interior que não quis casar com ela porque ela não tinha dote. Então ele diz: “Fulana, como você está linda! Como vai você?”. E ela responde: “Vou bem, obrigada”. Aí ele diz assim: “Você não quer jantar comigo esta noite?”. E ela: “E a sua esposa?”, “Ela está no quarto do hotel”, “Você me desculpe, eu tenho um compromisso. Não posso ir”. Se despede dele e vai indo embora, caminhando e pensando: “Ainda bem que eu não casei com ele. Se não eu estaria no quarto do hotel”. É um livro de muita sensualidade. Os livros dela. E de outras também, ela não é a única, mas são difíceis de achar. Raros, mas existem. O que eu achei interessante é como a visão da prostituição em um caso e no outro são muito diferentes. Os homens tem uma visão de punição, de condenação e as mulheres não. Nos romances elas terminam ricas, felizes, têm filha, independentes. E em Paris. Muito engraçado, né? Eu acho que é um tema a ser pensado. Há uma psicanalista que discute esse tema e ela diz que de fato a prostituição é outra coisa na cabeça das mulheres porque envolve muito uma imaginação do que acontece lá que não acontece cá. O que as mulheres ali vivem? A liberdade, experiência. Nós temos que pensar também que a prostituição na década de 20, 30, século XIX é muito diferente do que é nos nossos dias. É uma outra realidade, outra situação e há psicanalistas dizendo isto, que é muito diferente a maneira como as mulheres enxergam essa questão e os homens. Então eu tendo a concordar muito com você. Você acredita que eu encontrei textos dizendo que o Flaubert é

um feminista? Eu levei um susto. Como assim, feminista? Emma não sabe ler. Emma paga um preço pelo adultério. Nem Emma gosta das mulheres. Ele pode ser um crítico da sociedade burguesa, mas isso não o torna um feminista necessariamente. Ele poderia ser, mas ele não é. Sendo amigo da George Sand e vivendo uma época que tem outras figuras, que tem anarquistas, que tem feministas. Não existe um movimento tão expressivo como o nosso, que se difundiu por toda sociedade com a força e o peso que tem. Por mais que a gente não perceba, as mulheres estão aí com um força impressionante e realmente está um pouco distante. Ela é um grande crítico da sociedade burguesa, mas daí a ser feminista ou socialista, não.

**1'22''35**

**Boa noite, professora. É um prazer escutá-la falando. Você colocou várias vezes que a gente está em uma sociedade que avançou muito em relação aos direitos e às conquistas, contra essas tiranias da intimidade. Os homossexuais ganharam muito mais espaço na sociedade, assim como as mulheres também. A gente tem muitas mulheres presidentes, embora não com a quantidade que gostaríamos de ver, mas existem. Porém, no ano passado a gente elegeu a bancada mais conservadora dos últimos tempos. E o número de assassinatos de homossexuais e a violência doméstica contra a mulher continua aumentando e sem grandes perspectivas de mudar isso de forma radical. Eu considero você uma pessoa otimista. Você vê esse cenário de forma otimista para o futuro. Você não é vidente, mas eu queria a sua opinião. Qual a sua perspectiva?**

Eu me acho mais esquivo, do que otimista. Tem dias que eu acordo e falo: Meu Deus do Céu, o que será de nós? Assustada. Principalmente se eu assistir o jornal na televisão. Aí eu tenho pesadelo a noite. E tem dias que eu acho o contrário: Puxa! Olha só os nossos jovens, que maravilha. Eu moro perto da Rua Teodoro Sampaio e ver aquela juventude descendo na rua para ir para o Largo da Batata. Eu não vi tanto jovem na minha vida. Se você entrasse lá você entalava. Nessa mobilização que foi de 2013. Eu fiquei surpresa também. E você vê jovens lutando pelo Parque Augusta, você as Vadias no feminismo, você vê as jovens do movimento negro, as meninas da marcha mundial das mulheres, os jovens anarquistas, os jovens socialistas. Tem jovem para tudo que é lado. Questionando, propondo, coletivistas, propondo outras formas de organização que são coletivistas. Fico feliz pensando que tem um juventude maravilhosa, com muita força, com muitas ideias e desvinculada de partidos, que confinam, que normatizam, que impedem essa potencialização dos seus atos, dos seus pensamentos. Agora, eu também acho que nós vivemos num mundo capitalista, muito mais sofisticado, muito mais dominador. As estratégias de poder são muito mais sutis. Elas vem pela sedução, pelo discurso da autonomia, que então assusta muito.

Ao mesmo tempo, nesse mundo que eu acho que há a extrema direita e a extrema esquerda, há de tudo nesse mundo. Um mundo absolutamente plural, está sendo uma experiência muito assustadora ver o século XIX com toda a sua força repetindo a medicina do doutor Virrê e do doutor Lambroso. Doutor Lambroso é nome de uma rua de São Paulo ainda hoje e ele é estudado não para se fazer a crítica, mas para se aprender que aquele fulano é bandido porque ele tem a orelha em asa, porque ele nasceu assim. A mulher é prostituta porque os quadris são grandes, a testa é pequena, os dedos são não sei o que. Ela não gosta de alface, ela é escandalosa. As tipologias que ele escreveu no seu famoso livro. Um livro ele escreveu sobre os anarquistas, outro livro sobre La donna delinquente, la prostituta. A mulher degenerada nata, a categoria que ele cria e delinquente nata e degenerada nata.

Quando você vê grupos fundamentalistas, religiosos na política. Primeiro que eles não deviam estar na política, eles deviam estar na Igreja. Agora estão na política com apoio, aí eu acho que é realmente assustador. Assim como é assustador você ver grupos neonazistas na Alemanha. Poxa, na Alemanha, onde a crítica ao nazismo é fortíssima. Eu acho que não tem alemão no

seu país que não esteja sentido o peso da tradição. É muito pesado você viver na Alemanha e ter tido a experiência do nazismo, como para nós é pesado ter tido a experiência da escravidão e a ditadura. Não foi pouco o estrago que a ditadura nos fez. A gente tá sabendo disso. E no, entando, domingo vai ter uma passeata e muita gente vai dizer: De volta os militares.

Eu adorei quando o filósofo Wladimir Safatle escreveu em um artigo na Folha de São Paulo que ele achava que essas pessoas deveriam ser condenadas porque elas estão defendendo o assassinato, a tortura. Ué, não sabe o que foi a ditadura militar? Não sabe que as pessoas morreram? Não sabe que existia choque elétrico? Não sabe o que aconteceu? Não sabe que foi violação dos direitos humanos? Todo mundo sabe disso hoje. Está na televisão, está no jornal, tem livros, tem depoimentos, as pessoas estão falando. O que as mulheres sofreram. Imagina o que as mulheres sofreram com assédio, estupro? Não se fala muito no assunto. Agora que as mulheres estão começando a falar, as ex-presas políticas. Mas a gente sabe. A gente sabe porque sem ser ex-presa política as mulheres sofrem, imagina esse tipo de... É um conflito de forças. Quem vai ganhar? Não sei. Mas que a gente tem que se prevenir, tem. Porque está assustador o quadro. As vezes dá a sensação que a gente está regredindo com uma rapidez imensa. Dá muito medo. Mas eu prefiro manter meu otimismo senão eu acho que eu não sobrevivo, é uma questão psíquica também. É uma necessidade acreditar.

**1'29''19**

**Oi professora. Achei que você pontuou bem na sua análise a questão do tédio, da melancolia, uma sociedade que nos 19 começa a se pautar muito pela reprodução, e numa certa recusa à singularidade. Por outro lado, hoje eu percebo que tem uma tentativa de fuga frustrada que por via do consumo. O tempo todo nós somos bombardeados, até a palavra aparece, e hedonismo, o prazer, mas sempre ligado ao consumo. E você citou o caso da Emma que corre comprar. Então eu gostaria que você dissesse um pouquinho para a gente de meios de transgressão. Como você tem visto várias formas de transgredir essa ótica de um prazer que é canalizado para o consumo enquanto que outras formas de prazer acabam sofrendo recusas?**

Obrigada pela questão e não deixa de ser bem difícil. Porque, sem dúvida, a gente percebe muito bem, sobretudo em relação aos jovens. Os jovens são bombardeados pela indústria do prazer, da diversão. Sobretudo os jovens estão sofrendo disso que eu estava falando do encurtamento do tempo, de uma certa retirada daquela experiência que o jovem tinha de ser adolescente, aborrecido em crise, sem saber qual vai ser a sua vida, se ele vai pra cá ou pra lá, o que eu faço? Esse momento tem sido retirado dos jovens, cada vez mais incitados a se divertir e com um mundo que traz coisas muito prontas e as quais não dá tempo de digerir. Como eu vejo saídas, transgressões? Eu vejo muitas. Eu conheço muitas jovens que não são consumistas, por exemplo. Não porque não tenham dinheiro, mas porque não querem. Eu já vi muitas jovens falarem: Você quer um vestido novo? Por que você não compra um vestido novo? Não, porque eu tenho muita roupa. Não faz parte da nossa lógica você pensar: Eu vou comprar roupa porque eu não tenho. Você vai comprar roupa porque está na moda, porque você quer ficar bonita, não exatamente porque você não tem, porque o seu guarda roupa está vazio. É porque você quer diversificar o seu guarda roupa. Eu vejo muitos jovens que não querem ter carro, que querem ter bicicleta, por exemplo. Que acham que o carro participa de um universo que não é o deles, que é de uma geração que não é a deles e que a bicicleta é um outro meio, muito mais tranquilo, muito mais leve, muito mais fácil, muito mais seguro. Como assim você acha a bicicleta segura? Você não quer ir de carro? Não. O carro que é perigoso, pode bater. A bicicleta não. Você tem movimentos até de bicicletistas que lutam para conseguir essa transformação do espaço urbano. Eu vejo muitos grupos questionando essa maneira de viver. Muitos grupos que estão atrás de formas mais verdadeiras. Eu acho que não é à toa que Michel Foucault faz sucesso.

Eu penso que o Michel Foucault faz sucesso porque ele também nos ajuda a entender uma série de coisas. Por exemplo essa questão do cuidado de si. Nós vivemos numa sociedade que diz: “Você deve cuidar de si”, só que não tem nada a ver com o que os gregos entendiam como cuidado de si. O cuidado de si que você ouve pela mídia, pela propaganda é: vá a academia, vá ter aquele corpo, vá ficar sarado. Que é muito distante de uma experiência de cuidado de si em que você busca ser o que você é, em que você busca se trabalhar para se construir como uma figura ética. Para os gregos cuidado de si significa: “Você não nasceu nada, não tem interioridade, não tem orelha em asa, nada disso. Você pode ser, desde que você se elabore, desde que você trabalhe sobre si, desde que você pratique exercícios espirituais, que são também corporais. Quais são esses exercícios espirituais? Escrita de si, meditação, leituras. Você lê e pensa e guarda da sua leitura aquilo que for uma luz para você, o que ajuda a entender que você elabora, você reflete, você cultiva aquela verdade. Ou seja, os gregos têm como ideal de cidadania formar o jovem temperante, capaz de se administrar, capaz de se auto-gerir a partir das artes de viver, das quais ele dispõe.

### **1’34”40**

O nosso mundo desde o século XIX, desde o período de Flaubert, apostou no contrário, apostou no poder, apostou na norma, na normatização. O que era formar o cidadão até duas, três décadas atrás? Era disciplinar o jovem. Era ensinar o jovem a ser calado, quieto, obediente, cumpridor dos seus deveres de acordo com as normas colocadas aqui. E quem colocava as normas aqui? Entendeu? Então o cuidado de si que a gente ouve falar e que tem uma dimensão narcisista porque dissocia o indivíduo de si mesmo. Se o cuidar de si é eu ficar magrinho como o corpo da fulana, se eu tenho que batalhar para ter o corpo da fulana, ser a fulana, quer dizer que eu me afasto de mim. Essa dissociação só pode dar depressão. Porque você se perde de você.

Os gregos, que não são cristãos, que não vivem nesse nosso mundo, não são capitalistas, eles vão pensar o contrário, que você tem que se constituir como uma pessoa bela. O que é ser belo? É ser temperante. O que é temperante? Uma pessoa equilibrada, uma pessoa em que a razão governa o instinto e as emoções. Não anula. Não é uma pessoa que uma razão deve anular. Olha, você não pode gostar de pessoas do mesmo sexo porque isso é anormal. Não é isso. O Foucault vai dizer: Eles defendem o uso dos prazeres, mas você não pode ser escravo das paixões. Para os gregos o homem galinha é um efeminado porque como as mulheres ele não sabe se controlar, ele é escravo das paixões. O bêbado é escravo das paixões, o drogado obviamente é escravo das paixões. Você não pode ser escravo nem de uma pessoa, mas nem de você mesmo. E você ser dominado pelos instintos significa você ser escravo das paixões. Então você tem que ter o controle. Mas não a renúncia de si. É muito diferente. E nós fomos educados em um tipo de código, em um tipo de moral, que vai defender a renúncia de si.

Eu vejo em muitos jovens, em muitos movimentos, em muitos grupos essa busca de si, essa busca de um cuidado de si. Eu sou professora na Unicamp há trinta anos e fui professora em outras universidades, tenho muito contato com os jovens por palestras aqui e ali, participei de grupos anarquistas, participo de grupos feministas e devo dizer que eu fico feliz de encontrar jovens como os que eu conheço. Para falar a verdade eu me sinto uma pessoa muito privilegiada. Porque eu só conheço pessoas lindas que lutam por afirmar a sua singularidade. Eu sei que a sociedade não é só esse meu universo e tem muitas outras coisas, tem violência crescente, tem o problema da educação a ser enfrentado no nosso país e felizmente temos esse filósofo maravilhoso que inicia no cargo de Ministro da Educação.

### **1’38”04**

**Quando você falou sobre erotismo em Madame Bovary, algumas pessoas no chat citaram o livro “50 tons de cinza” como um exemplo atual. Então eu gostaria de saber se você pode ou**

**quer falar um pouco sobre esse fenômeno que surgiu com o livro e respondesse a questão do Edson Silva, que pergunta: O que você tem a dizer sobre o certo crescimento da literatura erótica que tanto mexe com o imaginário masculino e feminino? Como seria essa nova Madame Bovary de hoje?**

Eu não vi o “50 tons de cinza” e não vou ler também, não tem a ver comigo. Então eu não sei falar. Agora o erotismo da Madame Bovary, do romance do Flaubert, é o tempo todo cenas eróticas, mas são cenas delicadas, são cenas sofisticadas. Por exemplo: Ela encontra o Leon, esse novo amante, e ela está com uma carta para dizer para ele que ela não será amante dele, para romper. E eles entram em uma carruagem que tem cortinas na janela e aí ele diz para o cocheiro que ele rode pelas ruas da cidade, que ele vá indo. E o homem vai ficando impaciente: “Mas vai indo para onde?”. “Vá indo, vá indo...”. E aí você só vê a carruagem passando e cai uma luva dela e caem os papéis da carta, que ela rasga. E as coisas estão acontecendo ali. Está se efetivando essa relação sexual, amorosa, afetiva. O romance, a Madame Bovary, tem o tempo todo cenas de transgressão, de erotismo, mas de uma maneira muito sofisticada, muito delicada.

Eu não sei exatamente o que o rapaz que perguntou está chamando de literatura erótica. Eu não sei muito bem do que ele está falando. Em princípio eu acho ótimo que haja erotismo e que haja literatura erótica, porque eu acho que: Sem Heros, o que seria de nós? A gente vive um mundo que é muito dessexualizante, que é muito dessexualizado, que fez do sexo um grande problema, que precisa ser contido porque senão ele pode extravasar em neuroses. Menos, né? E é por isso que eu gosto tanto de Michel Foucault. Porque ele me fez perceber... Quando ele faz uma história da sexualidade, ele não faz uma história da vida sexual. Ele faz uma história dessa relação que nós temos com o sexo. E ele pergunta: Por que o sexo é o fundamento de tudo para nós? Inclusive da definição da identidade. Por que é a partir do sexo e não a partir da limitação? Por que essa dimensão da vida ganhou uma proporção tão grande? E porque a sexualidade é associada à animalidade e a animalidade é associada a algo muito negativo. Porque a leitura de animal podia ser mais leve, né? Coitado dos animais.

Eu penso que o erotismo é fundamental. O erotismo nos une, nos liga, nos conecta. A paixão é fundamental. O amor, esses sentimentos todos que nos aproximam, que destroem o poder. Porque o poder é terrível. As pessoas que exercem o poder, que gostam do poder... O Foucault diz isso: “Não se apaixone pelo poder”. Eu acho maravilhosa essa frase. Não se apaixone pelo poder. O poder só atrapalha. O poder só nos torna pessoas rígidas, pessoas intolerantes, pessoas muito fechadas e pessoas deserotizadas. Então eu sou muito favorável à literatura erótica. Agora, há literaturas e literaturas. Eu não sei exatamente do que ele está falando. Então a questão não é muito fácil. Porque há também uma banalização do sexo e aí eu acho que é dessexualizante. Ao contrário de ser erotizante. Como eu vejo hoje o mundo da prostituição. Eu acho o mundo da prostituição profundamente deserotizado, dessexualizado. É uma experiência do sexo muito estranha, esquisita, que não faz muito sentido a meu ver. Eu não sei quem seria a Madame Bovary dos nossos dias. Porque as mulheres não ficam mais confinadas. Não tem. Tem a anti-Bovary.

**1’43’’04**

**Boa noite! Parabéns pela palestra! Com todo esse seu otimismo, você acredita que um dia haverá igualdade entre ambos os sexos?**

Não sei, realmente não sei. O mundo é tão imprevisível, né? Mas não é impossível. Eu acho que nós temos caminhado para um fortalecimento das mulheres, sem dúvida alguma. As mulheres ocuparam todos os espaços. A luta é muito grande. A gente enfrenta muito machismo, mas eu acho também que os homens mudaram muito. Temos que reconhecer que os homens mudaram muito. Isso no Brasil é muito visível. Você vê isso geracionalmente

inclusive. Um homem de vinte, trinta anos tem uma cabeça muito diferente dos homens que foram educados a partir de outros códigos. Inclusive a abertura para a homossexualidade ou homoerotismo. Há uma abertura de espaço, sem dúvida alguma e isso significa uma conquista na minha opinião. A ideia de que você não é o dono da verdade é fundamental. A primeira coisa é a questão: a verdade de quem? Quem é que dita a verdade, quem construiu a verdade? Os médicos do século XIX? Hoje nós sabemos que são eles. Hoje a gente não acha que é Deus que fez o mundo assim. A gente entende que são interpretações e interpretações e que outras épocas tiveram experiências radicalmente diferentes. Pense bem que o mundo grego não tem homossexualidade, mas tem amor entre dois homens. Aliás, o amor só é possível entre homens, porque eles são iguais. Homem e mulher não são iguais, então o amor não é possível. E não é homossexualidade. Não tem a noção de homossexualidade.

A história mostra que as experiências são tão diversificadas. Existe amor entre dois homens. É a forma de amor valorizada, mas não é homossexualidade. Para nós é a forma de amor estigmatizada e é considerada patologia, doença. Era até pouco tempo atrás.

Então eu não sei. Eu quero crer que a gente tenha capacidade de transformação e que a gente esteja buscando isso. Eu acho que as pessoas estão buscando transformação, saídas, caminhos, por isso eu sou otimista. Eu não creio que a direita vá ganhar. A direita nesse sentido. Apesar que eu ando muito assustada com o Estado Islâmico. Depois de ontem... Vocês viram as notícias ontem?

**Professora, boa noite! Diante da sua fala me é impossível não pensar, por exemplo, numa outra personagem adúltera, a Luísa de "O Primo Basílio", do Eça de Queiroz. Nesse sentido, eu gostaria que a senhora comentasse a construção dessas duas mulheres adúlteras. A Emma eu vejo muito mais com requinte superior a da Luísa. A Luísa protagoniza uma série de cenas patéticas. Então, nesse sentido, eu gostaria que a senhora comentasse a respeito da construção dessas duas personagens.**

Difícil essa questão. Há quem veja a Emma também vivendo situações muito patéticas, de muita ingenuidade, de fantasiar demais a realidade. Deu o Bovarismo. Deu essa ideia de Bovarismo, de alguém que fantasia muito a realidade. Talvez você pudesse falar um pouco sobre isso. Como você vê? A Emma é uma figura complexa. Ela é uma mulher aparentemente passiva, meio boba. O amante faz dela gato e sapato. Mas ao mesmo tempo, ela é uma mulher que no segundo relacionamento é ela quem comanda. Então ela não é tão boba assim. Ela não é tão passiva, ela é ativa. A Emma está um nível acima da Luísa nesse sentido, mas são figuras bastante complexas. Acho que é difícil concluir. Mas, sem dúvida, ela é uma figura muito instigante. E na interpretação da Isabelle Huppert é maravilhosa, né? Acho que dos filmes é a que ganha mais destaque.